



O Jornalismo Educativo como gênero de Jornalismo Especializado¹

Sara MATOS²

Jimi Aislan ESTRÁZULAS³

Faculdade Martha Falcão, Manaus, AM

RESUMO

Este artigo se propõe a justificar e elucidar o trabalho de pesquisa iniciado em Manaus, para demonstrar que o jornalismo educativo pode ser trabalhado dentro dos Gêneros Jornalísticos Especializados. Enfatizando que o jornalismo atua na esfera pública, e por esse motivo a atividade no âmbito educativo pode alcançar indivíduos de qualquer lugar, para uma mobilização social fruto de uma transformação com base na conscientização. O projeto aborda que o jornalismo educativo pode ser trabalhado dentro de um dos conceitos de Gêneros Jornalísticos Especializados, que é o Jornalismo Utilitário.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; gêneros; utilitário; comunicação; educação; conscientização; pública; comunidade;

TEXTO DO TRABALHO

A educação rege o processo de transformação de uma sociedade, no entanto o método como ela é aplicada é fator decisivo para o alcance dessa transformação. O jornalismo pode transmitir educação, configurando-se em um 'jornalismo educativo', podendo ser trabalhado dentro do campo dos Gêneros Jornalísticos Especializados, sendo assim, um jornalismo que pode promover os indivíduos de uma comunidade.

A atividade jornalística é de grande abrangência e o jornalismo atua na esfera pública, tendo o seu cerne no dever de informação à sociedade, não qualquer tipo de informação, mas de utilidade pública que alcance os anseios de uma sociedade, que gere resultados quando aplicada a determinada comunidade.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Junior II 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2013.

² Aluna do 8º período de jornalismo, email: sarina.mts@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Faculdade Martha Falcão, email: jimiaislan@hotmail.com



O Jornalismo na sua mais bela atuação é aquele que está inserido na comunidade. De acordo com Pena (2010) o jornalismo comunitário é uma das formas mais factíveis de democratizar o acesso à informação. E o jornalismo atua na esfera pública levando uma mudança estrutural a partir da evolução da imprensa (PENA, 2010, p. 31), daí vem a importância do jornalismo na esfera pública, um jornalismo próximo às pessoas.

É o que diz Pena,

o homem comum não se informa mais pelos relatos da praça, mas sim pelo que os mediadores do novo espaço público trazem até ele. Daí a nossa responsabilidade. (PENA, 2010, P.31)

Uma comunidade tem acesso à informação quando os mediadores do espaço público estão inseridos nesta comunidade. O jornalismo nasceu de conversas informais, que com a continuidade deu origem a conversas especializadas, tornando-se informações especializadas, que nada mais é do que a comunicação oral, como nos diz

O fato é que os relatos orais são a primeira grande mídia da humanidade [...] Mesmo muito tempo após a invenção da escrita, a comunicação oral continuou (e continua) poderosa. [...] a oralidade continuará sendo protagonista do processo jornalístico [...]. (PENA, 2010, p. 24, 25)

Essas conversas nos mostram que a comunidade tem necessidade de conhecimento, mesmo que a princípio esse conhecimento ainda esteja na condição de ‘conhecimento popular’.

Para Pena (2010), o jornalismo comunitário atende às demandas da cidadania e serve como instrumento de mobilização social. Esse jornalismo nada mais é do que um jornalismo levado a quem precisa de informação, como diz

[...] é disso que trata o jornalismo comunitário: disposição. Disposição de levar informação de real importância para comunidades que precisam dela. [...] o jornalista de um veículo comunitário deve enxergar com os olhos da comunidade. (PENA, 2010, p. 187)

Para fazer jornalismo o indivíduo se propõe a ser transmissor de uma informação que posteriormente pode ser considerada notícia e então ser trabalhada como um processo de melhoria aplicada a um grupo de pessoas configurando-se assim como jornalismo educativo.

A notícia como nos fala Pena (2010) está inserida dentro do trabalho jornalístico que constrói socialmente a realidade de uma comunidade. Ela nada mais é do que a parte



que causa interesse público de uma dada informação, ou seja, o que desperta o interesse nos indivíduos, embora saibamos que de vários acontecimentos ao redor de uma determinada localidade, apenas uma parte vira notícia, como nos diz Pena (2010).

Por este motivo podemos propor que o jornalismo possa ser educativo, através de notícias de relevância aos cidadãos e que atendam suas realidades.

Esse trabalho jornalístico chamado notícia, pode ser aplicado através de diversos meios de comunicação, rádio, televisão, internet, jornal impresso ou revistas, por isso é um instrumento de educação e por isso também Jacquinet (1998), nos diz que os meios de comunicação se constituem em um mundo aberto.

Alguém pode perguntar, o que a notícia tem haver com o processo de educação? A notícia é de grande importância para uma sociedade principalmente quando esta não tem o acesso a educação. Nessas situações a notícia é o caminho por onde a informação chegará aos indivíduos e com a constante informação essas pessoas conseqüentemente obterão conhecimento e posteriormente serão transformadas pela educação, assim demonstrando nada mais que a atividade jornalística pode ser um caminho para a promoção dos cidadãos, dependendo da forma que esta informação é transmitida. Por isso a importância da notícia está inserida aqui, como parte do estudo deste trabalho.

Se o jornalismo assume o papel de informar, conseqüentemente pode assumir um papel que há tempos é conhecido, o de educar. A educação na esfera do jornalismo alcança proporções maiores, pois ele atinge a todas as classes sociais, e é facilmente inserido dentro de uma comunidade em que a realidade sobre educação está distante do contexto que essa mesma sociedade vive. Como nos fala Soares (2010) que através de uma pesquisa feita em 1999 já era possível afirmar que os meios de comunicação se preocupavam com a educação. O jornalismo faz uso dos meios de comunicação para poder se propagar.

Como nos diz Jacquinet (1998), é possível perceber que a maioria das pessoas, principalmente os jovens estão se informando do que acontece ao seu redor e em todo o mundo através dos meios de comunicação. Isso faz reforçar a importância do reconhecimento de que os meios de comunicação já fazem parte do processo de educação.

Muito se fala em processo de educação dos indivíduos, mas muitas vezes não se deixa esclarecido como transmitir essa educação, é quando a educação passa a fazer parte da comunicação, cujo precursor foi Kaplun (1998), quando instituiu o campo de educação para a comunicação, sendo o precursor de uma comunicação educativa popular.



A educação então passa a ser um processo chamado de ‘educomunicação’ que é muito explorado por vários autores de conteúdos sobre a educação que forma o senso crítico do indivíduo.

Assim como nos relata Soares (2010) quando diz que a educomunicação forma o chamado senso crítico frente à mídia, relatando que a educomunicação leva a percepção da sua utilização para embates de problemas sociais. Dessa forma é possível perceber o jornalismo que está inserido nos meios de comunicação, sendo um instrumento de educação.

Como nos diz Freire (2011), uma educação que faça nascer no homem o sujeito que está dentro dele, participante de uma sociedade e não somente um sujeito passivo, educação que proporcione a liberdade, a educação libertária.

A partir do momento que o homem é alcançado por essa educação que o transforma ele entende que também pode ser um instrumento de mudança na comunidade que está inserido, pois como parte do contexto de determinado lugar ele poderá lutar contra problemas sociais.

O jornalista tem papel fundamental nesse processo, pois se ele entender a importância da educação para uma comunidade, ele usará as teorias do jornalismo na contribuição para esta comunidade, e então estará fazendo uso das ferramentas do jornalismo.

Para educar um grupo de pessoas, é preciso conhecer os costumes dos indivíduos que estão inseridos nesse local, conviver com esse grupo de pessoas, nem que seja por um período de tempo, se não for assim, o jornalista que pretende desenvolver um papel de educador, não influenciará os seus pares. Assim o comunicador aproxima a atividade jornalística da responsabilidade social de um educador.

E a responsabilidade de um educador é de uma vez por todas afastar do homem a alienação que prende o homem, que o impede de ser o que poderia ser se não fosse a imposição de outro indivíduo, ou de um sistema tido como o único aceitável. Quando as pessoas começam a ser influenciadas à reflexão e autorreflexão elas começam uma mudança interior, é como diz Freire (2011, p.52), “autorreflexão que as levará ao aprofundamento consequente de sua tomada de consciência e de que resultará sua inserção na história, não mais como espectadoras, mas como figurantes e autoras”.

A alienação faz o homem perder a sua essência, e segundo Freire (2011, p.53) a alienação é uma forma de se ‘apoderar’ das camadas mais ingênuas da sociedade, por isso



Na medida em que deixam em cada homem a sombra da opressão que os esmaga. Expulsar esta sombra pela conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente libertadora e por isso respeitadora do homem como pessoa (FREIRE, 2011, p. 53)

A educação é o caminho para a conscientização dos indivíduos e os meios de comunicação tem se demonstrado como um jeito inovador de ensinar as pessoas. Daí vem o pensamento, e quem é que faz o uso desses meios de comunicação, as pessoas que estão por traz do processo de transmissão das informações são os jornalistas, mesmo aquele que muitas vezes não tem esta visão, mas é o que acontece, pois jornalismo é um campo que a educação pode mudar pensamentos, comportamentos e conceitos, passando o homem a integrar-se ao seu contexto, com um olhar mais atento. É o que fala Freire (2011) quando diz que a integração do homem o enraíza, pois entende que não é somente um indivíduo de contatos, mas de relações, que o leva à integração que por sua vez se aperfeiçoa a medida que a consciência desse homem se torna crítica.

Lembrando que em todo esse processo o jornalista-educador ao mesmo tempo em que educa outros, educa a si próprio fazendo o que Freire diz

Isso demanda um esforço não de extensão, mas de conscientização que, bem-realizado, permite aos indivíduos se apropriarem criticamente da posição que ocupam com os demais no mundo. Esta apropriação crítica os impulsiona a assumir o verdadeiro papel que lhes cabe como homens: o de serem sujeitos da transformação do mundo [...](FREIRE, 2011, p. 43)

Por isso é importante enfatizar que a educação verdadeira é aquela em que a pessoa que se propõe a transmiti-la entende o sentido de que não sabe muito e muito menos tudo. Freire (2011), diz que “o saber começa com a consciência do saber pouco (enquanto alguém atua). É sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais”. Entrando um pouco na área dos meios de comunicação, podemos citar um meio de comunicação que se constitui uma antiga forma de educar, o rádio, “o rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola [...]”, (FERRARETO, 2001). Através desse conceito podemos entender que a educação é trabalhada sim, dentro de um jornalismo que se caracteriza como educativo.

De acordo com Marques de Melo (2010), o jornalismo é dividido em cinco gêneros, são eles: Informativo, Opinitivo, Interpretativo, Diversional e Utilitário. O autor explica que



“a unidade textual carrega em si mais de um propósito comunicativo [...]”, por isso as classificações, além de enfatizar que os gêneros se constituem como “instrumentos pedagógicos válidos para o ensino e aprendizagem do fazer jornalístico” também “servem para indicar um texto cujo propósito comunicativo de maior peso seja o que o identifique”. (MELO, 2010, p. 43)

Diante das teorias de Melo (2010) é possível afirmar de acordo com Pena (2010) que “a questão dos gêneros trata, basicamente, de ordenações e classificações e que seu objetivo é fornecer um mapa para a análise de estratégias do discurso, tipologias, funções, utilidades e outras categorias” (tradução minha).

Os gêneros jornalísticos são especializados, pois cada um trata de uma forma específica determinado assunto, cada um com sua peculiaridade e método de transmitir a informação, mas precisamente a notícia, informação de interesse coletivo (mesmo sabendo que a relevância de uma informação nem sempre é a mesma para todas as pessoas. Pelo fato de tratar de forma específica os assuntos, é então que se propõe que a educação pode ser trabalhada dentro dos gêneros jornalísticos especializados, por ser um assunto que demanda especificidade. É importante deixar claro que a educação de que fala esse trabalho, não é aquela escola-aluno-professor, mas a que se estende aos lugares em que esses alunos e suas famílias estejam, ou seja, nas comunidades.

Fazendo referência ao que Melo (2010) diz “gêneros jornalísticos tem sido incluso em recentes produções do campo das Ciências da Linguagem, dedicados à análise dos gêneros discursivos em práticas sociais”. A educação, portanto é uma prática social.

Então com esse entendimento, é a hora que apresentamos a possibilidade da educação ser considerada um ‘Jornalismo Educativo’ a ser trabalhada dentro dos gêneros jornalísticos especializados e propomos que seja dentro do conceito de ‘Jornalismo Utilitário’.

O trabalho do jornalismo educativo inserido no jornalismo utilitário é possível, é o que percebemos e serve de base quando refletimos numa teoria que Melo (2010) traz, se referindo ao ‘jornalismo de serviço’, outro nome dado ao utilitário, quando ele cita Temer (2001, p.134)

[...] aquele que vai além da simples divulgação da informação e se preocupa em mostrar/demonstrar fatos e ações que a curto, médio, ou mesmo longo prazos, vão contribuir para melhores condições de vida do receptor. Informações que o tornem mais saudável, mas disposto para o trabalho [...] (MELO, 2010, p. 70)



Da forma que o trabalho apresenta a educação na atuação de comunidades, objetivando a transformação dos indivíduos, corroborando para o espírito crítico, configura-se a ferramenta propícia para esse ideal.

Melo (2010), fala que o “propósito principal do gênero utilitário é o de orientar o receptor, proporcionando-lhe uma informação útil, e que o gênero possui características próprias que o coloca como um gênero jornalístico independente. Além de oferecer informação que o leitor necessita de imediato ou que pode influenciar em suas ações cotidianas”.

O jornalismo utilitário através dessa perspectiva não é mais tido com um jornalismo apenas de serviço, pois se suas características forem levadas em consideração, será possível perceber que ele é o que mais pode influenciar os cidadãos, porque o momento em que a notícia chega para estes em forma de utilidade passa a ter grande importância, não só momentânea, mas em muitos casos de lições para vida particular desses cidadãos.

Exemplifiquemos: uma mãe que tem acesso através do rádio ou da TV que uma criança com a mesma idade do seu filho, foi acometida de dengue hemorrágica e faleceu porque na casa dela havia lixo acumulado no quintal, inclusive pneus e garrafas pets, essa mãe tomará mais cuidado, limpará seu quintal para que o mesmo não aconteça a sua criança, na só por conta da notícia, mas pela forma que o locutor alertou os ouvintes, dando dicas, e aconselhando a população.

Pode parecer um senso comum, mas muitas pessoas só se dão conta de que o mesmo pode acontecer com suas famílias, quando tomam exemplos de outros, levando em consideração que o exemplo dado é numa comunidade carente onde normalmente não há uma assistência social contínua aos indivíduos, muito menos alguém disposto a lutar em favor da mobilização social.

O exemplo pode ser baseado em outro conceito para o Jornalismo Utilitário, é o que diz Temer (2001, p.135) citado por Melo (2010), quando afirma que as “matérias de serviço tem componente pedagógico, cumprindo as necessidades reais da comunicação”. Por esta frase mais uma vez o tema do trabalho é respondido assertivamente, que sim, é possível trabalhar o Jornalismo Educativo dentro dos gêneros jornalísticos especializados, pois somente a educação pode transformar uma sociedade, e o jornalismo é o meio para essa disseminação de informações educativas.

O Jornalismo Educativo pode ser trabalhado no gênero utilitário, mas o objetivo não será apenas o repasse de informações rotineiras, se tornando um jornalismo de serviços



“prevalência do entretenimento e da prestação de serviços em detrimento da notícia de interesse público” (MELO, 2010, p. 68), mas sim, pelo fato do jornalismo possuir o apelo social e poder levar consigo a educação para qualquer comunidade, e dentro do gênero jornalístico especializado “jornalismo utilitário” servir como transformador social, levando para as comunidades o valor da conscientização e assim, sendo um agente de transformação na vida das pessoas.

Dessa forma o jornalismo educativo estará inserido nas teorias de Freire (2010), educação libertária ou educação para a conscientização onde se entende que uma:

[...] permanente atitude crítica é o único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época. (FREIRE, 2011, p. 61)

Já que os gêneros jornalísticos são instrumentos pedagógicos como nos diz Melo (2010), o jornalismo educativo trabalhado dentro do ‘Jornalismo Utilitário’ pode ser instrumento de mudança de comportamento do indivíduo, pois o jornalista estuda os gêneros jornalísticos especializados para aprender o ‘fazer jornalismo’ e a partir daí com a aprendizagem entende que a prática jornalística pode ser aplicada na educação de um indivíduo.

Entendendo também que as pessoas aprendem sobre os mais diversos assuntos das mais diversas formas, é o que diz Jacquinet (1998), “[...] os modos de apropriação do saber mudaram, e mudarão ainda mais na nossa sociedade que desenvolve “as indústrias do conhecimento” (indústria cultural). Por isso a importância de entender o jornalismo educativo como um tipo próprio de jornalismo, dentro do especializado, pois a aquisição de conhecimento não se limita mais a sala de aula como relata Jacquinet (1998), é quando a atividade jornalística que está interligada aos meios de comunicação passa a transmitir a educação, uma educação “de massa e multicultural”, que vai além de conhecimentos escolares Jacquinet (1998).

O jornalista como precursor de um jornalismo educativo entenderá seu papel de mediador desta educação que não consiste num simples ‘repasso’ de informações, mas uma aquisição constante de conhecimentos de como fazer que um grupo de indivíduos seja influenciado a conscientização para uma educação que transforme o modo de viver dessas pessoas e se colocará como um mobilizador social da educação consciente. Para que alcance resultados geradores de uma conscientização precisa entender a realidade



de determinada comunidade, pois como nos diz Pena (2010), “a visão de acontecimento depende da cultura, linguagens, preconceitos” do jornalista, ou seja, se ele não conhece as necessidades da localidade que pretende educar, não promoverá a tomada de conscientização, pois não conhece os anseios dos cidadãos e o fato de também ser um indivíduo carregado de valores, preconceitos pode modificar da forma que não objetiva o resultado de um jornalismo educativo a uma sociedade.

Quando o jornalista entende esse processo, os indivíduos a quem quer educar “não serão meros espectadores do processo, mas cada vez mais sujeito, na medida em que, crítico, captarem suas contradições” e “já não se satisfazem em assistir. Querem participar. A participação implica uma tomada de consciência (FREIRE, 2011, p. 72, p. 75).

Essa questão é a “percepção e interpretação que faz parte da essência da atividade jornalística”, pois o “indivíduo entende a realidade conforme o seu contexto” (PENA, 2010, p. 59), e isso se aplica tanto ao jornalista que levará o jornalismo educativo, quanto ao indivíduo que se pretende alcançar usando esse jornalismo, dentro do gênero especializado utilitário.

Assim, entende-se que através do jornalismo utilitário, a educação pode encontrar espaço num grupo de pessoas, é possível afirmar que a educação que tem o objetivo de transformar um indivíduo e fazer desse indivíduo um agente na comunidade que está inserido, pode ser propagada através do jornalismo utilitário, caracterizada como parte do jornalismo educativo, pois usando as ferramentas do gênero especializado ‘utilitário’ tem mais chance na aproximação da educação como um método que torna o homem um ser participante e tomador de decisões, fruto de uma mudança de comportamento.

O jornalismo como prática social da realidade tem o dever de atuar realmente no campo social, e a prática do jornalismo educativo demonstra que a educação é “a força de uma transformação” (FREIRE, 2011, p. 117).

A captação crítica de determinado assunto por comunidade demonstra um conhecimento transformado em ação (FREIRE, 2011, p. 64).

Dessa forma, se pode afirmar que o jornalismo educativo pode sim, ser trabalhado dentro de gêneros especializados do jornalismo e que o utilitário é o que mais cabe para o alcance dos indivíduos. Com a transmissão de conhecimento através de notícias, uma sociedade pode estar sendo educada, uma educação que possibilita a mudança de comportamento das pessoas, ou seja, um instrumento de mobilização social, do qual se origina por conta do processo de conscientização adquiridos pela prática do jornalismo educativo.



REFERÊNCIAS

PENA, Felipe et al. Teoria do Jornalismo. São Paulo: Contexto, 2010.

JACQUINOT, Geneviève. O que é um educador? São Paulo, 1998. Disponível em: <www.usp.br/nce/aeducacao/saibamais/textos>. Acesso em: 10 out. 2012.

PROGRAMA JORNAL E EDUCAÇÃO Disponível em: www.anj.org.br/jornaleeducacao/biblioteca/entrevistas/ismar-soares-define-o-conceito-de-educacao. Acesso em: 15 nov. 2012.

FREIRE, Paulo et al. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. Extensão ou Comunicação. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MELO, Marques José et al. Gêneros Jornalísticos no Brasil. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

O RÁDIO COMO FERRAMENTA PARA EDUCAÇÃO. Disponível em: www.udc.edu.br/monografia/monojor03.pdf>. Acesso em: 1 dez 2012